

Há uma certa

**L U Z**

**cadáver #6**

incompreensível

na distância

umha palavra

**AQADDOFA**

um sinal ou desejo

Estévez, Elvira Riveiro

a noite

nom

esgota

o seu

**FULGOR**

metálico

**SILÊNCIO**

e aqui frente ao

Um cadáver e  
squisito de Ig

espelho só existe o



**Igor Lugrís**

Fôrom umhas palabras  
Talvez umhas luzes  
Se calhar umhas ilusons  
De todas as formas  
queimavam os olhos  
tinham esse grave odor  
que sempre trai o desconhecido  
e sabiam a felicidade  
Um doce e agradável sabor a felicidade

No limite deste horizonte só há outro horizonte

Igor Lugrís

## A poética da resistencia

Identidade. Memoria. Arela de liberdade. Denuncia da uniformización cultural e lingüística, esmagadora da disidencia. Da explotación laboral e da inxustiza mundial. Chamado á resistencia. A camiñar para adiante. Sen medo. A crer en nós. No país. Son os alicerces da poética de Igor Lugrís (Melide, 1971). Unha obra indisociable do activismo cultural. Do compromiso social e nacional. E dunha teima por rachar as barreiras que seguen a afastar os poetas do lector. Con proxectos como o *Cadáver exquisito* –creación colectiva a través de internet– e *Poesía para ver. Poesía para ler*, –poemas integrados en carteis, como os que recolle este número da Revista das Letras–. Cun verso directo, próximo, apegado á realidade. Que intensifica a súa forza en *Mongolia* (2001) e *Livro das confusons* (2007). Sempre á procura da verdade, máis que da beleza, malia atento ao sentido estético. Á busca dun xeito de comprensión do mundo, base da toda transformación posible. Desde o concreto. O graño de area. A iniciativa. Sen agardar pola industria cultural.





O autor da fotografía desta páxina é Benja G. Lainez. A cartel da portada está elaborado a partir dun orixinal do brasileiro Rico Lins. Debaixo deste cartel colocouse o nome do poeta ao que se lle adica este número da Revista das Letras.



## 1

A Adelino  
quando lhe perguntavam  
dizia que trabalhava no polígono industrial  
E nom era mentira

A sua família sempre tivera umha leira  
em aquele terreo  
no final da costa de vacas  
Fora de seu pai  
E da sua avó  
E da mae desta  
Ele nunca teria vendido  
mas foi expropriaçom forçosa  
É polo bem de todos  
diziam-lhe no bar à hora dos cafés e as partidas

Comprou  
justo onde tivera as patacas  
umha parcela com o dinheiro que lhe dérom  
e a pensom dos anos em Zurique  
Só havia três naves  
um burger com karaoke  
e a sua horta

Quando lhe perguntavam  
dizia que trabalhava no polígono industrial  
E nom era mentira

## 2

Podermos transformar o céu  
e nom andar por aí com ele  
perdendo-o entre as interpretaçons e os mundos  
entre os caminhos e as horas

Podermos assaltá-lo  
rompê-lo  
em mil anacos cada nuvem  
como nos rompe a nós  
para nom ter que reagir atréu  
cada vez que chega o futuro

Podermos entendê-lo  
para entender os nossos silêncios  
as nossas ignorâncias  
para que todo seja mais que um delírio  
voluntário  
A solidade dum verso alheio  
que sempre escapa

Nom existirem estas palavras

### 3

Olho para as leitugas  
enquanto boto água nas fendas da memória  
e co sacho golpeio docemente  
cada umha das palavras que rodeiam esta casa  
“Parabéns”  
berram os gatos todos os gatos do mundo  
enquanto sigo a cair polo precipício  
e oito galinhas cantam  
a coro  
a melodia das casas habitadas

Um cam dorme diante da porta  
aberta

Lentamente  
esqueço as horas  
os minutos os segundos  
até chegar a esta pequena sensaçom de calor  
Talvez todo seja arrastar palavras  
dum lado para outro  
sem cessar  
até que alguém escuite  
e entom ficar em silêncio  
Para sempre

### 4

Todo é terrivelmente complicado  
Mas nom há que se preocupar  
com isso  
Também o certo é  
que  
tudo é terrivelmente simples

Igual que distinguir o abalo e o devalo  
Igual que ver chover  
Igual que pensarmos  
que existir é  
lembrar distâncias  
e falar silêncios

Nom existe mais que  
o caminho  
O que vives é a viagem  
Estou confuso  
e nom escuito mais  
que o silêncio iluminando  
esta noite  
cheia de palavras molhadas

Essas luzes que  
me rodeam é o lume  
da terra

Arder  
é a palavra  
que procuras

## 5 *(Compostela vermelha e etérea)*

Compostela vermelha e etérea  
os sonhos de licor-café  
a terra de pedra que arde  
e o mundo que roda sempre do revês

Os livros da madrugada  
cafés dentro do café  
a lua fala da memória  
e dumha história que nom vai morrer

A pátria constroese nas ruas  
as ferramentas som todas as maos  
as cores das velhas bandeiras  
desenham os ritmos das novas cançons  
Compostela vermelha e etérea  
os sonhos de licor-café  
etc...

## 6

Conheces todas as palabras dos dicionários  
em vários idiomas  
mas sigues sem saber  
o nome próprio da liberdade  
o significado da fraternidade  
os sinónimos da igualdade  
e por isso escreves  
enquanto pensas na tua foto  
a cores  
nos dominicais dos periódicos sérios

## 7

o citroen saxo tuneado de aitor  
soa melhor que o último CD de Eminem  
a todo volume  
que agora se escuita em toda a aldeia  
de zero a cem  
polo pentagrama nocturno turbo injection de  
luzes de néon azuis  
apurando as sensaçons na avenida da liberdade  
até exactamente  
o monumento aos doadores de sangue  
que se interpom na pista de baile com linha  
contínua  
e decide justo depois do ceda  
com um sigiloso estrondo  
premir no botom do stop

## 8

Também estivo aquela outra vez  
Quando decidimos assaltar o ceu  
da madrugada  
ao ritmo dum licorcafé  
mentre sonava  
ao longe  
dentro das nossas cabeças  
umha dessas cançons  
às que lhe inventavamos a letra  
Era quando aprendiamos idiomas  
ou palabras

**9** *(A miña lingua remix. Ocenic version)*

A minha língua quero na tua boca  
e falar com o silêncio dos peixes  
tam líquido e húmedo  
o falar dos sargos  
petaranhas e maragotas  
o falar dos xurelos  
as sardinhas e as xoubas  
Entendermo-nos entre bránquias  
Mirarmo-nos entre escamas  
Movermono-nos na água  
entre fluidos e sabores salgados  
como quem durme numha cama na tua cama

**10**

Ardem as pedras  
e sei que nom fuche tu  
porque te vim  
por última vez  
correndo  
escapando  
cara à praça de Vigo  
mentres o caixeiro já  
estava ardendo  
e internet falava de saltos  
também  
na Corunha  
Vigo  
e Ferrol  
Ardem as pedras  
e amanhã  
os jornais  
falarám das cinzas  
dum mundo impossível  
Corre!

Nom há mais amor

# butano

Nom há mais butano amor. Quanto tempo tarda em acabar-se todo. Um nom sabe bem que sentimento cria quem esquece o parto, assenta a pele e tensa o corpo.

A procedência da nossa pele é anterior ao anterior. Contornando o jardim botânico sempre há umha princesa porque as laranjas dos reis eram pequenas e doces.

Os teus olhos nom olham o que te bica. Assim che medrou no peito um tambor de buxo. Estou como escrita amor no fundo dos versos fluidos.

